

Quelé: a Voz da cor – Obra e legado de Clementina de Jesus

Felipe Castro
Janaína Marquesini
Luana Costa
Marina Kobayashi
Raquel Munhoz

Professor/Orientador Herom Vargas
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Quelé: a voz da cor revisita a trajetória artística e o legado da sambista fluminense Clementina de Jesus (1901-1987). A narrativa pontua o caminho incomum que Quelé, como era chamada, percorreu até os holofotes. Empregada doméstica foi descoberta por Hermínio Bello de Carvalho, em 1963, com mais de 60 anos de idade. A mulher negra, pobre e neta de escravos lançou onze discos, gravou ao lado de gente como Pixinguinha, Clara Nunes, Cartola, entre outros e virou referência na música popular brasileira ao (re)incorporar elementos ancestrais a um ritmo genuinamente brasileiro - o samba. Sem saber, ela representava as inúmeras cantoras anônimas que rompem com os padrões estéticos da indústria cultural e compõem o vasto repertório folclórico de nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Samba (música); Cultura popular; Clementina de Jesus; Afro-brasileiro; Cultura.

1 INTRODUÇÃO

A Deusa Ebanácea Clementina de Jesus é um fenômeno telúrico exclusivamente brasileiro. Encontramos nas interpretações dela uma irrefreável e contagiosa comunicabilidade que se iguala equacionalmente – quer pelo seu alto valor, quer por sua esfuziante autenticidade qualitativa – a Machado de Assis, Villa-Lobos e Nelson Rodrigues.

Francisco Mignone, maestro

O livrorreportagem retrata a trajetória de vida e carreira de Clementina de Jesus, sambista fluminense que se notabilizou pelos discos gravados entre as décadas de 1960 e 1980, pelas parcerias com nomes da música como Pixinguinha, João Bosco, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Cartola e Clara Nunes e, principalmente, por trazer de volta elementos da música afrobrasileira ao samba de maneira sem precedentes na cultura brasileira. Em 2011, ano de produção do livrorreportagem, a artista completaria 110 anos.

Quelé: a voz da cor discute a importância da ancestralidade negra da cantora na construção de seu estilo musical. Neta de escravos, Clementina mesclou suas lembranças de infância, quando ouvia a mãe entoar cantos primitivos em casa, com o samba e se sobressaiu na cena musical brasileira por conta disso. Quelé, como era chamada, foi celebrada por músicos, compositores e especialistas como um elo de ligação entre a música primitiva dos escravos e a atual, notável em canções como Cangoma me chamou, Carreiro bebe e tantas outras.

Além da ancestralidade forte, outros pontos tornam a história de Clementina de Jesus ainda mais saborosa e curiosa, como o envolvimento com o carnaval carioca, as inúmeras parcerias musicais, a relação com Hermínio Bello de Carvalho, seu mentor, os problemas familiares e a influência da religião em seu trabalho. A narrativa percorre o ano de 1901 até os dias de hoje, buscando resquícios da escravidão em seu ambiente familiar, passando pela repressão do samba durante a ditadura militar, e por fim, mostrando o legado que Clementina deixou em nossa música.

2 OBJETIVO

Atribuir, na medida certa, o caráter biográfico a um livro-reportagem, cuja premissa é a de se manter fiel aos preceitos jornalísticos, foi um dos principais objetivos a serem contemplados na produção de Quelé: a voz da cor. Para isso, notou-se que era necessária uma vasta pesquisa e um profundo processo de apuração dos fatos que envolvem a carreira da cantora. Desde o início do projeto, manteve-se uma premissa: resgatar a importância de Clementina de Jesus para a música brasileira mas sem, no entanto, deixar de ter olhos atentos para a cena musical atual e avaliar quais foram os ecos da carreira de Quelé que influenciam e refletem em artistas da atualidade.

Um fato importante é que o mercado de livros e documentários sobre a cantora é quase inexistente, o que reforçou a necessidade deste registro. Outra proposta foi situar o leitor no contexto histórico da música brasileira, o qual despontou a figura de Clementina, já que, entre as décadas de 1960 e 1980, o samba não era o estilo musical predominante, mesmo com uma crescente abertura do mercado fonográfico em alguns períodos.

3 JUSTIFICATIVA

Em que pese o fato de Clementina de Jesus ser uma artista midiática, não se sabe, ao certo, quantos shows ela realizou ao longo de sua carreira de pouco mais de 20 anos, tendo gravado 11 discos nesse período. Sobre o ineditismo da figura de Clementina de Jesus, com seus bantos e corimas e outros cantos negros mesclados ao caráter genuíno do samba brasileira, o jornalista e musicólogo Ari Vasconcelos definiu, certa vez, a voz da cantora como uma “navalha”.

Em nossos ouvidos mal acostumados pela seda e pelo veludo produzidos pelos cantores da época, a voz de Clementina penetrou como uma navalha. A ferida ainda está bem aberta e sangra, mas isso é saudável: serve para lembrar que a África permanece viva entre nós. (COELHO, 2001)

Em meio a grandes nomes de nossa música, Clementina é reconhecida por sua autenticidade. E mesmo em um país que prezava pelos cantos líricos e suaves da era do rádio e do teatro de revista, Quelé rompeu paradigmas com uma voz de timbre grave e rouco, que versava e não cantava, que simulava o canto dos negros, dos escravos, e que superou as preconceitos e se transformou em um símbolo da música brasileira.

A partir de depoimentos como esse, era imprescindível estudar a história de Quelé sobre a ótica de uma artista, ela mesma, a representação crua da história de nosso país.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O caminho para desenvolver o livro foi marcado por um profundo trabalho de pesquisa. Foram usados clássicos da sociologia como Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, além de diversos textos e registros sobre a escravidão no Brasil. Por conta disso, foi possível o entendimento do contexto histórico e de alguns aspectos da ancestralidade de Clementina. Além disso, houve um aprofundamento na história da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX para situar o leitor acerca do cenário encontrado pela família de Quelé quando se mudaram de Valença para a capital - na época - do país.

Uma profunda pesquisa foi feita sobre os primórdios do samba e de toda a história da música brasileira, já que a personagem passou por quase um século de envolvimento com a música, mais intimamente com o samba.

Todo este trabalho foi feito concomitantemente com a realização das entrevistas. A pesquisa tornou-se mais densa no terceiro capítulo, onde tivemos que tratar em paralelo a vida de Clementina e o contexto histórico do samba no Brasil. E, a partir daí, o surgimento das escolas de samba no Rio de Janeiro. Para tanto, as referências foram obras como Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro, de Roberto Moura, Partido-alto, samba de bamba, de Nei Lopes, As escolas de Samba do Rio de Janeiro, de Sérgio Cabral, Geografia carioca do samba, de Luiz Fernando Vianna, entre outros.

O trabalho realizado superou as expectativas iniciais que tinha como objetivo apresentar, apenas, a obra e legado da cantora de forma sucinta; o resultado final acabou por contemplar épocas anteriores à profissionalização da carreira de Clementina de Jesus, subsidiado com as pesquisas. Por outro lado, o livrorreportagem *Quelê: a voz da cor* foi fiel ao projeto inicial quanto à divisão de capítulos, e só se alterou na diversidade das fontes entrevistadas.

Para a produção do livrorreportagem *Quelê: a voz da cor*, o grupo optou por escrever capítulos simultaneamente. Dessa forma, dividimos os integrantes em três grupos, onde duas pessoas produziam um capítulo, outras duas se concentravam em outro e o membro restante ficava responsável pela padronização do texto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A definição do objeto aconteceu ainda no final do ano de 2010. Clementina de Jesus, escolhida de forma unânime por se tratar de uma figura pouco retratada na história do samba, tornou-se o tema central para a produção do livrorreportagem.

Para iniciar o desenvolvimento do livro com devida propriedade, foi feito um levantamento de referências bibliográficas sobre a história da música brasileira, alinhando tudo em ordem cronológica.

Posteriormente, e já em 2011, as buscas foram destinadas a encontrar referências sobre a vida da artista. A ausência de publicações foi uma barreira. Uma das poucas obras publicadas foi o livro especial da Fundação Nacional de Artes (Funarte), chamado *Clementina, cadê você?*- uma reunião de textos feitos por Adriana Magalhães Bevilaqua, Idemburgo Frasso Felix, Lia Calabre de Azevedo e Maria Tereza Martins. Outro livro dedicado a artista não chegou a ser publicado, *Rainha Quelé*, que reúne artigos da jornalista Lena Frias, do pesquisador Nei Lopes, do produtor Hermínio Bello de Carvalho e do também pesquisador Paulo César Andrade. As publicações impressas como jornais e revistas foram essenciais como fonte de pesquisa e também um documentário recém-produzido pelo cineasta Werinton Kermes, também chamado *Rainha Quelé*.

A partir desse primeiro apanhado da pesquisa o próximo passo foi procurar as pessoas que estiveram algum envolvimento com a vida e obra da cantora. Identificamos uma lista de entrevistados. A aproximação das fontes aconteceu de forma gradativa. Na medida em que era feito o contato com um entrevistado, abriam-se portas para outros.

Muitas dessas entrevistas foram realizadas em São Paulo como a primeira fonte, o diretor do documentário *Rainha Quelé*, Werinton Kermes. e o produtor do último disco gravado por Clementina, *O canto dos escravos*, pela Eldorado, em 1982, Marcus Vinicius de Andrade. Ainda em São Paulo foi realizado um encontro com o sambista Osvaldinho da Cuíca, que falou sobre as passagens de Clementina de Jesus por São Paulo e a maratona de shows que, já muito idosa, teve de fazer pela cidade. Foram feitos contatos também no bar do Alemão, em São Paulo, do compositor Eduardo Gudín que indicou outras fontes essenciais como Aluizio Falcão e Elton Medeiros. Ainda no bar de Gudín, uma nova figura do samba facilitou o agendamento de entrevistas, como o músico e pesquisador Barão do Pandeiro. A entrevista com Aluizio Falcão sobre a produção de *O canto dos escravos* foi realizada via telefone.

Também em São Paulo ainda foram contatadas pessoas que participaram da carreira da cantora. Caso do percussionista Papete Viana, um dos músicos que acompanhou Clementina na gravação do *O canto dos escravos*, e de Elifas Andreato, artista plástico, responsável pela arte de diversos álbuns da música popular brasileira, que forneceu dados

que colaboraram para o enriquecimento de traços da personalidade de Clementina. Andreato foi o responsável pela capa do disco que a sambista mais gostou: Clementina e convidados, de 1979. Outra entrevista realizada foi com Fernando Faro, produtor do programa Ensaio, da TV Cultura e que produziu o disco de 1979.

Mesmo encontrando muitas das fontes em São Paulo, a maioria das pessoas que conviveram com Clementina estavam no Rio de Janeiro. Por isso foram realizadas quatro viagens para realização de pesquisa e entrevistas. A primeira entrevista realizada no Rio de Janeiro foi com Paulo César Pinheiro, viúvo de Clara Nunes, cantora que gravou com Clementina a canção P.C.J. (Partido Clementina de Jesus), de composição de Candeia, para o disco As forças da natureza (Odeon, 1977), de Clara. Outro encontro foi realizado com Gisa Nogueira, que compôs um samba intitulado Clementina de Jesus e teve contato com Clementina no Clube do Samba, no final da década de 1970.

Referência na história do samba, o jornalista Sérgio Cabral cedeu uma entrevista contando sobre o seu acompanhamento em toda a carreira da artista, em especial uma viagem que uma delegação de artistas, entre eles Clementina, realizou para Dakar, capital do Senegal, em função do I Festival de Artes Negras, em 1966. Cabral fora o único jornalista brasileiro destacado para cobrir o evento. Além da entrevista, colocou à disposição todo o acervo pessoal, composto por fotos, livros e matérias de jornais das décadas de 60, 70, 80 e 90. Falamos também com o sambista Elton Medeiros, que esteve ao lado de Quelé em pelo menos quatro primordiais eventos no começo de carreira dela: os espetáculos O Menestrel (1964) e Rosa de Ouro (1965), as viagens para Dakar (Senegal) e Cannes (França) ambos em 1966, além da segunda edição de Rosa em 1967.

As visitas ao Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro, foram de suma importância, onde foram colhidas informações sobre fontes, por meio de catálogos de fotos, depoimentos da própria Quelé, de Hermínio Bello de Carvalho, Elton Medeiros, Cartola, Dona Zica (esposa de Cartola), Candeia, Carlos Cachça, Vera Lúcia de Jesus (neta de Clementina), Aniceto do Império e Dona Neuma.

A sambista Beth Carvalho, contou sobre a importância da artista na vida de outros figurões do meio do samba. Além de visitas, que proporcionaram contatos e ofereceram sustentação

nas informações sobre a sambista: o bairro de Madureira, zona norte do Rio, para uma abordagem ao filho de Tia Doca e outra ao Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, no bairro do Acari, também na zona norte da cidade, para a comemoração do aniversário de morte de Candeia, compositor que gravou diversas músicas especialmente para Clementina. Lá, foi feito contato com Selma, filha do homenageado.

Ainda no Rio de Janeiro houve uma imersão no jongo, uma das diversas modalidades culturais que Clementina imprimiu à sua música. Percussionista e membro da velha guarda da escola Império Serrano, Ivan Milanez contou sobre a importância de Clementina de Jesus para a música e traçou paralelo entre ela e dona Ivone Lara, outra sambista negra que marcou época e segue como referência nos dias de hoje.

Na viagem seguinte, foi a vez da cantora Maria Cristina Buarque, do violonista Turbilio Santos e do fotógrafo Walter Firmo cederem seus depoimentos para *Quelé: a voz da cor*. Trata-se de três peças importantes para desenvolvimento do enredo do livro. Mas o objetivo maior ainda era a realização de uma entrevista com Hermínio Bello de Carvalho que enfim aconteceu durante uma gravação do DVD do músico Nelson Sargento, ocasião em que os integrantes do show *Rosa de Ouro* se reuniram no palco do Teatro Jovem, mais de 40 anos depois.

As entrevistas restantes foram realizadas por email, telefone e em São Paulo como foi o caso do sambista Nelson Sargento. Sargento esteve com Clementina de Jesus no musical *Rosa de Ouro*, em 1965, e no *Rosa de Ouro nº 2*, em 1967 e minuciou algumas questões envolvendo a concepção do espetáculo e a sua relação com Albino Pé Grande, marido de *Quelé*, no morro da Mangueira.

O próximo passo foi contatar a cantora Tetê Espíndola, célebre nos anos 1980 pelo sucesso *Escrito nas estrelas*. Tetê conheceu Clementina já no palco, cantando, em uma ocasião especial. Hermínio Bello de Carvalho, promoveu um encontro entre as duas em rede nacional, sem ensaio prévio. O resultado foi um curioso contraste de vozes, que eram muito diferentes entre si.

A fonte primordial para o livro foi mesmo o produtor Hermínio Bello de Carvalho, talvez o personagem mais conectado à figura de Clementina de Jesus por tê-la descoberto e a conduzido ao meio profissional em 1964. Hermínio concedeu algumas entrevistas ao longo dos meses de setembro e outubro, além de ter disponibilizado seu enorme acervo.

Além disso, ainda foi realizada, por intermédio de Hermínio, entrevista com Leonardo Castilho, uma das poucas pessoas a presenciar o primeiro encontro entre Hermínio e Quelé. Advogado e professor, Leonardo Castilho deu detalhes do encontro entre Hermínio e Clementina em 1964. Na sequência, mais uma visita ao Museu da Imagem e do Som foi necessária para finalizar alguns capítulos, através de um outro depoimento de Clementina de Jesus. Haroldo Costa, produtor das delegações brasileiras que foram a Dakar e Cannes, ambos em 1966, concordou em ceder uma entrevista por email.

Em São Paulo, algumas fontes ainda tinham de ser contatadas. Foi marcada uma entrevista com a cantora Monica Salmaso, o bate-papo com Salmaso foi o grande fio condutor do último capítulo do livro, que trata da influência de Clementina nos dias atuais. Por telefone, Heron Coelho deu seu depoimento como organizador do livro que reuniu artigos de Nei Lopes, Lena Frias, Hermínio Bello de Carvalho e discografia completa de Clementina de Jesus em 2001, ano do centenário de nascimento da cantora.

Em meio a todo esse processo de pesquisa e entrevistas, houve um trabalho de apuração dos fatos, decupagem e organização de conteúdo. Após isso, todos os capítulos eram rascunhados e reescritos a medida que eram confirmadas as informações necessárias. Cada capítulo era escrito por uma dupla. Uma das preocupações do grupo era conseguir, na medida do possível, obter uma unidade no estilo do texto. Para isso um dos componentes do grupo ficou encarregado da edição final.

Após a redação dos capítulos e correção das observações feitas pelo orientador, o trabalho foi encaminhado para revisão. O próximo passo foi definir a diagramação.

O livro reportagem *Quelé: a voz da cor tem* como objetivo posicionar-se no mercado como um multiplicador de conteúdo e de entretenimento, sendo também um registro de uma parte da história do samba que está quase perdendo com o tempo.

É rico em histórias sobre a personagem, uma mulher negra, pobre, que nunca se encaixou no estereótipo de musa da música brasileira. Outra característica é a leitura rápida e simples, aliada ao uso de trechos de matérias que ilustram momentos da vida.

Com 164 páginas, o livro é dividido em 10 capítulos e traz a trajetória artística de Clementina de Jesus. Também não obedece a uma cronologia linear, iniciando com o momento em que Quelé é descoberta. Segue-se com a gravação do último disco de Clementina – O canto dos escravos – e passeia por sua infância em Marquês de Valença e Jacarepaguá, até a vida como artista na capital fluminense. A ordem dos capítulos foi projetada respeitando uma hipótese sobre as supostas ligações que os antepassados de Clementina teriam com o derradeiro álbum gravado pela artista.

Baseado na obra de Aires da Mata Machado Filho, O canto dos escravos reúne canções extraídas do livro O negro e o garimpo de Minas Gerais, no qual o autor traz um recorte da vida escrava no povoado de São João da Chapada, em Diamantina, de onde houve uma forte migração para Valença. Imerso na ancestralidade da sambista, o leitor é imediatamente levado para sua infância em Valença, e a partir daí, o livro recupera a cronologia dos fatos até o fim, passando novamente pelo disco até o falecimento de Clementina em julho de 1987. O último capítulo traz um retrato da continuidade do trabalho da artista e como isso se reflete nos dias de hoje.

Ao início de cada capítulo, o leitor encontra uma caricatura feita por artistas renomados e expostas em uma mostra em homenagem a cantora, organizada pela Funarte em 1980. O livro ainda é ilustrado com fotografias da artista em shows, em sua casa e ao lado de grandes personalidades. Há também o uso de matérias de jornais digitalizadas em que foram noticiadas informações sobre Quelé.

O prefácio, escrito por Hermínio Bello de Carvalho. Consagrado como compositor produtor musical foi o responsável pela descoberta de Clementina de Jesus. Foi ele o mentor da cantora no meio musical e também com quem manteve uma relação maternal.

Para garantir conforto durante a leitura, optamos pela escolha do papel Pólen de cor amarelada. A diagramação foi idealizada buscando traços clássicos que remetessem a fatos ocorridos no passado, sem esquecer a contemporaneidade em que a história é contada. Por esse motivo, o grupo optou por utilizar as duas linhas gráficas propositalmente.

6 CONSIDERAÇÕES

O resgate cultural ao qual foi proposto neste Trabalho de Conclusão de Curso foi o grande delimitador e o carro-chefe da produção deste livro. Sem uma pesquisa não teríamos acesso a algumas informações providenciais que reforçaram a necessidade deste resgate, em vez da realização de uma simples biografia da artista. A grande incidência de pessoas que não conhecem a artista abriu os olhos para a urgência da produção de um material que instigasse, que fosse persuasivo, que aproximasse, que rememorasse, e não deixasse de ser visualmente atraente. Mas, tudo, sem cair na vala comum das biografias densas que enchem as prateleiras das livrarias.

Para conquistar o leitor que não é muito conhecedor da artista, escrevemos um livro que permeasse aspectos humanos sem deixar de abordar a visão da artista sob a ótica de grandes nomes, como Hermínio Bello de Carvalho, Sérgio Cabral, Elton Medeiros, Osvaldinho da Cuíca, Mônica Salmaso, João Bosco, Beth Carvalho, Cristina Buarque e Paulinho da Viola, entre outros.

Um bom livro não passa apenas por um bom texto, mas sim por um zelo maior pelo visual, ilustrações, e o cuidado para que a abordagem em cima de Clementina não fosse excessivamente biográfica, mas sim um recorte musical e cultural na vida da artista que seja leve e de fácil “digestão”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Heron (org.) Rainha Quelé Clementina de Jesus. Valença, 87 p. Trabalho não publicado.